



## **Covid-19 e a ressignificação do ensino telejornalístico: novas experiências e desafios**

**Michele Negrini<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Pelotas

**Roberta Roos<sup>2</sup>**

Universidade Federal do Pampa

**Resumo:** A pandemia do COVID-19 e a necessidade do distanciamento social têm feito com que diversos setores da sociedade brasileira passem por reconfigurações. O ensino, em todos os níveis, é uma das esferas mais afetadas quando se fala em distanciamento social. No âmbito dos cursos de Jornalismo, oferecidos pelas instituições de ensino superior, as disciplinas que requerem atividades práticas precisaram ser repensadas e adaptadas. Entre elas está o ensino telejornalístico, que necessita da experiência prática na captação das imagens, entrevistas, contato com as fontes. Além disso, os telejornais universitários tiveram suas rotinas produtivas alteradas, diante de grandes desafios e novas experiências. A partir dos argumentos expostos, este artigo é voltado à reflexão sobre as ressignificações no ensino de telejornalismo e nas práticas dos telejornais universitários, atentando para novas experiências e desafios.

**Palavras-chave:** telejornalismo; ensino; COVID-19; distanciamento social; telejornalismo universitário.

---

<sup>1</sup> Jornalista. Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS. Doutora em Comunicação pela PUCRS. Pós-doutora pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, da UFBA. Professora da Universidade Federal de Pelotas. Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele). Email: mmnegrini@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Jornalista. Doutora em Comunicação pela UFSM. Professora da Universidade Federal do Pampa - Campus São Borja. Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele), do Grupo de Pesquisa Comunicação Televisual - COMTV e do grupo Jornalismo em Redes e Convergência. E-mail: robertaroosthier@gmail.com.

## **1. Introdução**

O fazer jornalístico vem se adaptando ao contexto atual. As redações já não são soberanas e a notícia vai ganhando a narração de outros parceiros, com novas atribuições. São pessoas comuns, leigas em relação às práticas jornalísticas, aos conceitos éticos e técnicas de gravação e edição, mas que estão produzindo conteúdo noticioso, através das facilidades técnicas disponíveis. Para além disso, o contexto contemporâneo nos impõe mais uma situação que exige rápida adaptação, inclusive, nas práticas que envolvem o telejornalismo e o ensino dele. A pandemia do coronavírus trouxe uma nova realidade, sobretudo à prática de produção de imagens, contato com as fontes, formas de entrevistar e isso vem ressignificando o fazer (tele)jornalístico e o olhar do telespectador sobre as notícias de TV.

O rápido desenvolvimento das tecnologias, que permite novas formas de relacionamento entre audiência e mídias distintas, facilitou os processos comunicacionais em meio à pandemia. Mas essa corrida contra o tempo para adaptar a produção e divulgação noticiosa precisa ser refletida, já que, para manter-se atualizado, o jornalismo está buscando cada vez mais a proximidade com a audiência. Neste sentido, as transformações tecnológicas e as mudanças nas rotinas produtivas do telejornalismo precisam ser acompanhadas também no meio acadêmico e pelas TVs universitárias.

A circulação de informações, bem como o acesso e a divulgação, estão ressignificados quando o assunto é jornalismo audiovisual. As múltiplas telas e o distanciamento social não estão estagnados, exigem diariamente de nós a rápida adaptação para transmitir e receber conteúdos noticiosos. Diante disso, o presente artigo busca refletir sobre os processos de ressignificação no ensino do telejornalismo e os novos desafios impostos pela pandemia mundial do coronavírus.

## **2. O telejornalismo ressignificado**

As rotinas produtivas do telejornalismo estão sendo constantemente revistas para atender múltiplos públicos e múltiplas telas. Quando se trata de conteúdo, é necessário associar tecnologia e televisão, já que formas inovadoras de informar foram sendo construídas ao longo do tempo, acompanhando a evolução técnica.

é possível pensar que, ao longo de sua trajetória, o telejornalismo brasileiro tenha desenvolvido práticas que foram internalizadas pelos profissionais de TV (jornalistas, técnicos, gestores) e disseminadas pelas escolas de jornalismo, nos estúdios e nas redações, que se constituem no que podemos chamar de um “saber telejornalístico”. Esse conjunto de procedimentos – que vão além do domínio de técnicas audiovisuais e de construção de narrativas – tem repercussão e é validado como conhecimento, quer seja por quem produz a notícia, quer seja por quem a consome. (SILVA, 2019, p.27)

As formas de consumo televisivo voltam-se para a produção, que precisa levar em consideração o acesso do telespectador. A utilização de tecnologias móveis vem sendo frequente também por repórteres e apresentadores, demonstrando a influência do conteúdo compartilhado na web nos noticiários. Nesse sentido, ressaltamos que a temática envolvendo jornalismo de televisão precisa ser constantemente atualizada, visto que está em transição para acompanhar as transformações culturais, históricas e tecnológicas. Mesmo assim, o conhecimento que foi historicamente construído e permanece em todas as épocas evidencia a essência da prática telejornalística. Conforme afirma Silva:

Não restam dúvidas de que os relatos jornalísticos são impulsionados pelos movimentos da sociedade e não apenas pelo desenvolvimento técnico de equipamentos. Se houve um momento em que as informações faladas, mesmo sem imagens, eram suficientes para levar conhecimento a grupos sociais pela televisão, atualmente, a produção de imagens cria novas formas de interação com o público e o telejornal, em especial, com o espaço das redes sociais e com as narrativas imersivas. (SILVA, 2019, p.34)

As práticas telejornalísticas cotidianas estão comprometidas com um público cada vez mais conectado às múltiplas plataformas. Diante de todo esse processo que envolve a ressignificação do jornalismo televisivo está também o ensino desta área no meio universitário. Conforme afirmam Piccinin, Negrini e Roos (2019), as maneiras de se produzir o telejornal universitário são frutos das mudanças advindas do desenvolvimento tecnológico e evidenciadas na complexificação dos processos comunicacionais e interativos próprios da sociedade contemporânea. Para as autoras é necessário, no contexto atual, compreender os fenômenos decorrentes da cultura midiática, fundada especialmente em razão da convergência dos processos comunicacionais em rede e seus compartimentos.

A produção universitária televisiva está comprometida com o ensino de um jornalismo crítico e qualificado em termos técnicos e de conteúdo. Para tanto, produz em condições próprias o redesenho comunicacional e tecnológico. Assim, as produções neste espaço acadêmico chegam de maneira diferenciada até o público, já que passam a ser compartilhadas no espaço convergente das plataformas digitais. Teixeira (2011) reconhece que no meio universitário o jornalismo audiovisual encontra possibilidades de apropriação do ciberespaço que podem resultar em iniciativas com características particulares. Ou seja, diante das experimentações, os produtos universitários adquirem identidade particular tanto para instituições que possuem canais de divulgação consolidados, quanto para aquelas que se utilizam da rede para publicação dos conteúdos em plataformas ou sites de redes sociais (PICCININ, NEGRINI, ROOS, 2019).

No âmbito universitário, o jornalismo de televisão tradicional apresenta-se como ponto de partida e base referencial para a produção, mas observamos que a utilização de ferramentas específicas da web vêm fazendo parte dos telejornais universitários na construção do experimental, através de situações possíveis, apenas, neste ambiente. Nessa perspectiva, destacamos que os conhecimentos socializados nos espaços educacionais vão se alterando frente às tecnologias digitais e aos acontecimentos da realidade social.

### **3. O ensino de telejornalismo em tempos de pandemia**

Estamos vivendo um momento único da história. A pandemia do coronavírus acarretou ressignificações nas mais diversas searas das sociedades, os modos de vida sofreram transformações; a ocupação dos espaços foi completamente alterada; e as formas das pessoas se relacionarem passou a ser distante fisicamente.

O chamado distanciamento social, recomendado pelas autoridades de saúde em nível mundial, prezou pela permanência das pessoas em suas casas e pelo afastamento físico. Além disso, medidas de cuidados constantes foram recomendadas, como a higienização de ambientes e de equipamentos, além do uso de máscaras. Tais medidas implicaram em mudanças nos mais diversos setores, como nas rotinas produtivas dos telejornais e no ensino de telejornalismo.

Falamos no ensino de telejornalismo é adentrar em um contexto complexo e desafiador e que requer o manejo de diversas perspectivas por parte do professor, que vai desde o domínio da construção textual voltada à apresentação de um fato na TV, abrangendo também a necessidade de conhecimentos técnicos sobre o manejo de equipamentos de captação de imagens e sobre softwares de edição. Emerim e Cavenaghi (2017, p.2) analisam o ensino de telejornalismo:

Do ponto de vista do ensino de telejornalismo, a apresentação, suas regras, técnicas e rotinas, em especial os telejornais, sempre foram um desafio para qualquer professor. Uma mídia essencialmente da imagem como a televisão sempre mexeu com as “emoções” dos alunos, pois aparecer na tevê nunca foi fácil. Há muita timidez, preconceito, falta de foco, insegurança, excesso de confiança, exibicionismo, enfim, dificuldades naturais a uma faixa etária geralmente jovem e em formação não só profissional, mas do próprio caráter e personalidade.

Mesmo que na contemporaneidade estejamos vivendo em um momento cultural e tecnológico que permite que os vídeos amadores tenham cada vez mais espaço na produção audiovisual e mesmo no jornalismo televisivo, alguns parâmetros precisam ser observados nas práticas cotidianas das redações e carecem de exposição nas salas de aula das universidades e nos cursos de jornalismo. A presença de materiais provindos de vídeos amadores se mostra como uma alternativa na ausência do registro profissional de um fato e aponta para a existência de tensionamentos nas lógicas referenciais de composição do telejornal de referência. Mas, o uso destes materiais não pode comprometer a qualidade da reportagem e diminuir as possibilidades de entendimento do conteúdo por parte do público. Isso precisa ser refletido no âmbito universitário e em sala de aula quando se trata do ensino de telejornalismo. Não há uma receita de como compor uma reportagem, mas há parâmetros que precisam ser seguidos.

Outro desafio imposto ao docente na conformação das aulas de telejornalismo é o cenário contemporâneo da convergência midiática (JENKINS, 2008), o qual imprime transformações na organização narrativa do telejornalismo visto como de referência e leva à conformação na composição do telejornal pensando na transmissão em múltiplas telas. Não é mais cabível pensar o jornalismo unicamente para o público que vai visualizar na TV; a contemplação em outros dispositivos, como celulares e tablets,



precisa ser vislumbrada. Roos, Negrini e Belochio (2019, p.6) analisam a produção jornalística no contexto da convergência entre as mídias:

A tendência da distribuição multiplataforma em veículos jornalísticos tradicionais, tais como o jornal impresso, radiojornalismo e telejornalismo, vem se intensificando no cenário definido por Jenkins (2008) como cultura da convergência (BARBOSA, 2009; 2013). Trata-se de uma conjuntura marcada pela alteração dos hábitos e práticas dos consumidores. Em meio a transformações tecnológicas que possibilitam, entre outras ações, a busca e o acesso a uma diversidade de opções de informações e entretenimento, de maneira facilitada, os cidadãos têm suas preferências modificadas.

Nas palavras de Roos, Negrini e Belochio (2019, p.9) estão impressas as perspectivas de que o consumo de relatos no jornalismo contemporâneo em múltiplas telas está impregnado nas vivências dos espectadores. As autoras ainda apontam que “[...] as formas de pensar o fazer jornalístico nas redações de telejornais podem estar se modificando com o objetivo de atingir diferentes públicos em variadas plataformas de mídia”. O cenário de produção voltado à transmissão em múltiplas plataformas, segundo as autoras, ultrapassa as clássicas características do jornalismo voltado apenas a uma mídia, chegando-se a uma produção horizontalizada, que, de acordo com Barbosa (2013), é conduzida pelo paradigma do jornalismo produzido em base de dados e é assinalada pela medialidade (GRUSIN, 2010), que pode ser vista como uma perspectiva que abarca os fluxos de produção e distribuição do conteúdo jornalístico em diversas mídias.

E, em tempos de pandemia do coronavírus, além dos desafios cotidianos do professor na docência do telejornalismo, as quais são perpassadas pelos desígnios do momento tecnológico e cultural, o distanciamento social trouxe amplas ressignificações em âmbito de produção telejornalística e no ensino dos fazeres jornalísticos desta área. Uma das imposições do distanciamento social foi o desenvolvimento de aulas de forma remota, por meio de suporte de espaços para reuniões on-line e de realização de atividades à distância. No caso do ensino de telejornalismo, o uso de ambientes virtuais passou a imprimir novas perspectivas e ressignificações para a realização de atividades práticas e para o desenvolvimento de telejornais. O próprio telejornalismo de referência, como já falamos, teve suas rotinas completamente ressignificadas e as formas de contar os fatos passou a se dar com mais ênfase no conteúdo do que na forma; com a

apresentação de sonoras, na maior parte dos casos, à distância, através da mediação de suportes técnicos; com a utilização de muitas imagens de arquivo e com o amplo uso de recursos gráficos para suprir a falta de imagens. Os repórteres passaram a gravar as passagens de máscara e, nos casos das sonoras externas, o uso de um microfone nas mãos da fonte e outro com o repórter passou a ser habitual.

Na sala de aula, as transformações se fizeram necessárias também. Os telejornais universitários tiveram suas produções adequadas às regras de distanciamento social. Um exemplo é o Em Pauta TV, da Universidade Federal de Pelotas, que teve as formas de construção narrativa transformadas. Este caso será refletido no próximo tópico.

#### **4. Em Pauta TV em tempos de pandemia**

Para exemplificar a ressignificação no ensino de telejornalismo em tempos de coronavírus, vamos apresentar apontamentos em relação ao Em Pauta TV, que é um telejornal produzido pelos alunos do curso de jornalismo da Universidade Federal de Pelotas. Vamos recorrer ao método observacional (GIL, 2008). O programa é transmitido pela TV Câmara de Pelotas e, também, nas redes sociais. Ele é um espaço para dar respaldo às disciplinas de telejornalismo oferecidas na instituição, e funciona como um local de práticas aos alunos do curso.

O Em Pauta começou a ser produzido no início de 2016. Para o seu desenvolvimento, conta com o suporte de quatro técnicos em imagem e som, de duas professoras, de uma bolsista e de alunos voluntários. As matérias do jornalístico são voltadas para a comunidade acadêmica e para a sociedade pelotense de forma geral. As pautas contemplam assuntos de âmbito local e são relacionadas a atividades ligadas a ações desenvolvidas na universidade. Normalmente, o telejornal é composto por dois blocos. O primeiro somente com reportagens e o segundo com reportagens e com a realização de uma entrevista, com cerca de cinco minutos de duração. A entrevista é relacionada a um tema abordado no decorrer da edição.

O Em Pauta tem função educativa e é um espaço que dá suporte às disciplinas relacionadas ao telejornalismo no curso de Jornalismo da UFPEL. Cabe apontar também que produções desenvolvidas nas disciplinas de Telejornalismo e de Telejornalismo II são feitas com foco de transmissão no Em Pauta. Com o objetivo de ir

ao ar no telejornal, os alunos das duas disciplinas precisam buscar constantemente o aprimoramento da produção telejornalística, de texto, e também em relação a questões técnicas.

No ano letivo de 2020, devido ao coronavírus, nenhuma edição no formato tradicional foi levada ao ar. Nestes tempos de pandemia, é possível visualizar que o andamento do Em Pauta está delineado através da elaboração de pequenos programas, no formato de DROPS<sup>3</sup>, voltados à cobertura de pautas relacionadas à COVID-19. Os DROPS são divulgados nas redes sociais do Em Pauta.

No dia 17 de maio de 2020, uma publicação sobre a retomada das produções foi realizada. Um vídeo gravado por uma integrante da equipe aponta para a volta do Em Pauta. A publicação na rede social Facebook traz como texto introdutório: *“Nesta segunda-feira (18), o Em Pauta retorna as atividades... Ative as notificações das nossas redes sociais e acompanhe o conteúdo produzido pelos alunos de Jornalismo da UFPel”*. A partir das palavras da aluna (Figura 1) no vídeo, fica evidente que o foco do Em Pauta será exclusivo a pontos relativos ao coronavírus.



Figura 1 – Acadêmica de Jornalismo da UFPel divulgando a retomada do projeto com foco para cobertura do coronavírus. (Fonte: Em Pauta TV/ Reprodução)

A identidade visual do Em Pauta ganhou nova cara, dando destaque ao trabalho da UFPel contra à COVID-19 (Figura 2). A nova identificação visual aponta para a perspectiva de que o programa foge do conteúdo que normalmente é visualizado, que é

---

<sup>3</sup> Drops, na seara do jornalismo para telas, pode ser caracterizado como um material audiovisual produzido de forma mais informal e voltado a dar notícias para o público. Em matéria publicada no Estadão em agosto de 2017, há a caracterização de Drops voltados à publicação no site do jornal: “Criado pela equipe de mídias sociais do jornal, o Drops traz as notícias mais importantes do dia, contadas pelos repórteres dentro da redação de forma descontraída, além de mostrar os bastidores da equipe do Estadão”.



de divulgação de assuntos relativos à UFPEL e à comunidade de Pelotas, para ter um estilo novo, voltado à cobertura de assuntos relativos à UFPEL e ao COVID-19. Na medida em que o programa ganha um estilo novo, ele representa rotinas diferenciadas de tessituras dos conteúdos a serem apresentados e demonstra transformações na relação da equipe de produção com a forma de divulgação das pautas. O Em Pauta passa a ocupar um espaço de divulgação de saberes provindo da UFPEL, cabendo salientar que a instituição está tendo papel importante nas pesquisas em relação ao coronavírus no cenário brasileiro. Neste contexto, como estamos tratando de um espaço acadêmico de produção de telejornal, as transformações implicam em novas formas de ensino de telejornalismo por parte das professoras orientadoras e novos delineamentos para o espaço de divulgação de notícias em âmbito universitário.



Figura 2 – Identidade visual do Em Pauta em tempos de pandemia. (Fonte: Em Pauta TV/ Reprodução)

Os DROPS Em Pauta – UFPEL CONTRA A COVID-19, na maior parte das edições visualizadas, apresenta uma estrutura composta por uma introdução da notícia, feita pelo repórter, por apresentação de entrevistas (feitas de forma on-line) sobre a pauta em andamento e por uma finalização do repórter, fazendo um fechamento em relação ao assunto abordado. Também foi possível visualizar boletins feitos pelos alunos sobre um determinado tema. Neste caso, o aluno apenas traz informações sobre o assunto que está sendo apresentado, sem o respaldo de entrevistados, apenas com informações colhidas através de pesquisas.

Nas edições do DROPS observadas, um ponto que chama a atenção em relação à ressignificação das práticas telejornalísticas imputadas pela necessidade do

distanciamento social é o formato de apresentação dos discursos imagéticos. O uso de imagens de arquivo, de produção de outras TVs e de filmes (com a citação da fonte) deu bases para suprir a dificuldade de captação de imagens. Até mesmo imagens de videoconferências foram utilizadas para dar suporte ao desenvolvimento de um DROPS, como mostra a Figura 3.

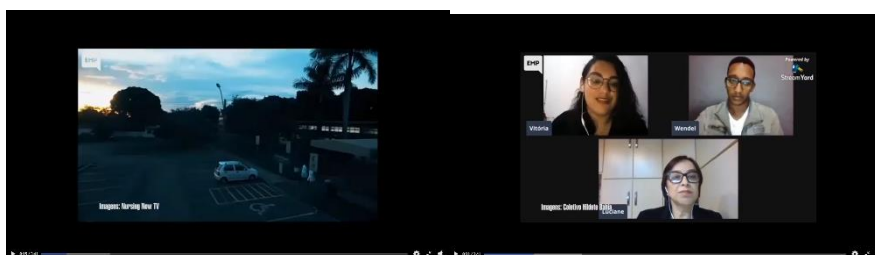


Figura 3 – Imagens utilizada em um DROPS do Em Pauta TV. (Fonte: Em Pauta TV/ Reprodução)

Cabe evidenciar também que os cenários de gravação das introduções e das finalizações dos DROPS passaram a ser os ambientes, na maioria das vezes, das casas dos membros da equipe do Em Pauta, como mostra a Figura 4. As gravações no âmbito dos espaços da Universidade Federal de Pelotas deixaram de ser visualizadas. É perceptível que alunos procuram locais de seus acessos para realizar as gravações. Desta forma, não há uma padronização em nível de cenário de apresentação dos DROPS. Nesta seara, cabe apontar também que os cenários e os figurinos passam a ocupar lugar preponderante no relato jornalístico, tendo em vista que são variáveis em cada DROPS e que não estão em disputas com grandes gamas imagéticas.

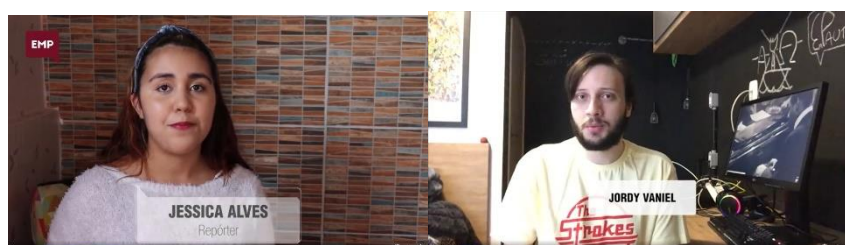


Figura 4 – Repórteres apresentando o DROPS. (Fonte: Em Pauta TV/ Reprodução)

Da mesma forma que há diferentes cenários, não há um padrão na captação de entrevistas. É perceptível que as gravações estão sendo feitas pelos próprios

entrevistados e enviadas ao programa. Em relação ao tempo destas entrevistas, também não se observou um padrão. Algumas são apresentadas de forma mais longa, outras bem mais curtas; algumas com melhor qualidade de imagem, outras com imagens com menor resolução; o que evidencia que os DROPS do Em Pauta não estão com delineamentos únicos e que há formatações distintas, dependendo de cada repórter.

## **5. Considerações Finais**

Com a presença da pandemia do coronavírus e com a necessidade do distanciamento social, a sociedade precisou se reinventar em muitos setores. Diversas práticas comuns do cotidiano das pessoas deixaram de ser possíveis, como a realização de um simples passeio em local público ou de uma refeição em um restaurante. Atividades que pareciam simples precisaram ser reinventadas. Diante deste quadro, o jornalismo televisivo precisou de diversas adaptações em suas atividades.

Para contar os fatos diante de telas em tempos do coronavírus, as recomendações das autoridades mundiais em nível de saúde precisaram ser observadas e a preservação da saúde, tanto das fontes como dos membros das redações, passou a ser essencial.

Em relação às TVs, jornalistas pertencentes ao chamado grupo de risco passaram a fazer suas atividades em casa. E os que seguiram nas redações tiveram que efetuar seus trabalhos de forma diferenciada, com o uso de máscaras, higienização constante e cuidados para não ter proximidade com outras pessoas. Entrevistas passaram a ser realizadas, na maior parte dos casos, de forma remota e o uso de suportes tecnológicos passou a ser essencial.

Em tempos de pandemia, no telejornalismo, passou-se a ver a ênfase na disseminação de informações, em detrimento de destaques a questões de ordem estética. A captação de entrevista com as fontes de forma remota passou a ser um exemplo disso. A prática telejornalística volta a ser repensada em um constante aprendizado para os profissionais da área. E o ensino de telejornalismo, que é sempre uma tarefa desafiadora, adquiriu perspectivas mais complexas ainda. Ensinar o jornalismo audiovisual com distanciamento físico do aluno imprime grandes desafios.

Ao falarmos da complexidade e das transformações do ensino de jornalismo para telas, cabe mencionar que as práticas dos telejornais universitários também têm

passado por ressignificações e por desafios. Neste trabalho verificamos como estão sendo as atividades do Em Pauta TV, da Universidade Federal de Pelotas, em tempos de pandemia. Em relação ao telejornal, ele teve mudanças em nível de formato, de duração de edições, de periodicidade e, também, de foco. Passou a ser realizado em formato de DROPs e direcionado à cobertura de pontos relacionados à COVID-19.

A partir da observação das práticas ressignificadas apresentadas pelo Em Pauta TV, que é um telejornal universitário, cabe salientar que em tempos de pandemia, o ensino e a prática telejornalística se mostram como tarefas desafiadoras de serem realizadas, mas possíveis, mesmo de forma remota. Para minimizar os prejuízos em nível de ensino, é preciso que professores e alunos busquem alternativas de conformação de narrativas distintas das tradicionais, como se visualizou no Em Pauta. O programa realizado na UFPEL está ancorado em um prisma de enfoque calcado na divulgação de conteúdo, não tendo questões de forma e de estética como precípuas.

## Referências

BARBOSA, Suzana. “Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais”. In: CANAVILHAS, J. **Notícias em mobilidade. Jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Covilhã: UBI, Labcom, 2013.

EMERIM, C.; CAVENAGHI, B. A. . O ensino de apresentação de telejornais: desafios e experiências da UFSC e do Ielusc. In: 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJOR 2017, 2017, São Paulo. **Anais do 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Paulo: SBPJOR, 2017. v. 01. p. 01-15.

GRUSIN, Richard. **Premeditation: Affect and Mediality After 9/11**. UK: Palgrave Macmillan, 2010.

ESTADÃO. **‘Estadão Drops’ alcança 3 milhões de visualizações**. 2017. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,estadao-drops-alcanca-3-milhoes-de-visualizacoes,70001934017>. Acesso em: 29 de julho de 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

PICCININ, Fabiana ; NEGRINI, Michele ; ROOS, R. . Jornalismo na web e o redesenho do local na Tv universitária. In: Iluska Coutinho e Cárilda Emerim. (Org.). **Telejornalismo local: teorias, conceitos e reflexões**. 1ed.: Insular, 2019, v. 8, p. 177-192.

ROOS, R.; NEGRINI, M.; BELOCHIO, V.. O telejornalismo universitário e os aspectos locais: reflexões sobre a produção telejornalística frente ao desenvolvimento da Web. In: 17º Encontro

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo  
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo  
3 a 6 de Novembro de 2020



Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2019, Goiânia. **Anais** do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2019.

SILVA, Edna de Mello. Fases do Telejornalismo: uma proposta epistemológica. In: Comunicação, jornalismo e transformações convergentes [recurso eletrônico] / orgs. Liana Vidigal Rocha. Sérgio Ricardo Soares. Palmas : EDUFT, 2019. Dados eletrônicos (pdf). 136 p.  
TEIXEIRA, Juliana. Webjornalismo audiovisual universitário no Brasil: um estudo dos casos TV UVA, TV UERJ E TV UFRJ. **Dissertação**. UFSC, Florianópolis, 2011.